

A Violência simbólica: uma difícil percepção

The symbolic violence: a difficult perception

Marcelo José Araújo*

Resumo: A violência simbólica presente em nossos dias é difícil de ser identificada. Desapercebida, não revela a verdadeira violência de seus atos. Pior, é que exercida naturalmente insinua o modo de ser e de viver do homem contemporâneo, tornando as pessoas deficientes de solidariedade.

Palavras-chave: Violência – violência simbólica – educação – solidariedade.

Abstract: The symbolic violence present in our days is difficult to be identified. Unnoticed, it doesn't reveal the true violence of its acts. But worse than if it were naturally exercised it insinuates the way of being and living of contemporary man making people charitably-deficient.

Key words: violence – symbolic violence – education - solidarity.

* Mestre em Educação, doutorando em Fundamentos da Educação pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar; e-mail: marcelo.ja@zipmail.com.br

Introdução

Este artigo tem como objetivo abordar a questão da violência não em um sentido *lato* – dada a complexidade e abrangência do tema –, mas, sim, destacar um tipo de violência instituída e presente no dia-a-dia que é aceita, incorporada e reproduzida pelas pessoas, sem, na maioria das vezes, a percepção de sua existência. Discutiremos a questão da **violência simbólica**.

Por **violência**, entendemos como sendo uma forma de privação. Segundo Odalia, “(...) Privar significa tirar, destituir, despojar alguém de alguma coisa. Todo ato de violência é exatamente isso. Ele nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos”. (Odalia,1993:86). Por **simbólica**, entendemos como sendo algo de difícil percepção, algumas vezes o simbólico tem a anuência do indivíduo. Segundo Bourdieu, o simbólico, ou melhor, o poder simbólico é um “poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (Bourdieu,1989:7-8).

Pretendemos, portanto, apontar neste artigo algumas questões da violência que se encontram tão arraigada em nosso dia-a-dia, cujo “pensar e agir em função dela deixou de ser um ato circunstancial para se transformar numa forma do modo de ver e de viver o mundo do homem”. (Odalia,1993:9). Procuraremos instigar o leitor a compreender algumas condições de destaque da violência – para ajudá-lo na compreensão da violência simbólica – e fazê-lo refletir sobre a importância do tema.

Algumas faces da violência

Quando se pensa ou se fala sobre violência, o que vem de súbito à mente é a agressão física. Por se tratar do tipo de violência que diretamente atinge o homem e seu corpo, a agressão física torna-se imediatamente sinônimo direto de violência. Não respeita – como se a violência respeitasse alguma coisa

– classes sociais, etnias, credos, cidades, campos etc. Tanto em bairros nobres como em favelas, classes altas ou classes baixas, a violência se faz presente. Jornais, telejornais e revistas não cansam – e alguns não querem se cansar – de mostrar o “espetáculo da violência” numa sociedade espetacular. Em determinados momentos, há de se pensar até mesmo que a violência é um modo de ser do homem contemporâneo. A violência não se exercita mais como um ato de defesa para a sobrevivência. As pessoas se habituaram tanto a viver com ela em nossa sociedade que ela se banalizou. (Odalia,1993).

Nos noticiários, por exemplo, é comum vermos a futilidade da violência. Torcidas organizadas, crimes organizados, grupos de extermínio, gangues de ruas etc., como massas organizadas que são e nutridos por uma ânsia de destruição e agressão – física na maioria das vezes – praticam a violência simplesmente para instituírem poder e legitimidade. Como membro da massa, o indivíduo tem sempre a sensação – e muitas vezes a confirmação – de impunidade. Neste tipo de massa, todos são praticamente iguais. Cria-se um *fascio* (feixe) de pessoas que, unidas, implantam um *fascismo*.

Segundo Canetti:

Somente a união de todos é capaz de promover-lhes a libertação das cargas da distância. E é precisamente isso que acontece na massa. Na descarga, deitam-se abaixo as separações, e todos se sentem iguais. Nessa sua concentração, onde quase não há espaço entre as pessoas, onde os corpos se comprimem uns contra os outros, cada um encontra-se tão próximo do outro quanto de si mesmo. Enorme é o alívio que isso provoca. É em razão desse momento feliz, no qual ninguém é mais ou melhor que os outros, que os homens transformam-se em massa. (Canetti,1995:17)

Ainda segundo o autor:

O próprio indivíduo tem a sensação de que, na massa, ele ultrapassa as fronteiras de sua pessoa. Sente-se aliviado por se terem eliminado todas as distâncias que o compeliavam de volta a si próprio e o encerravam. Com a eli-

minação das cargas da distância, ele se sente livre, e sua liberdade consiste nesse ultrapassar das fronteiras. Mas o que acontece com ele deve ocorrer também com os outros. (Canetti,1995:18-19)

A violência presente no cotidiano não se encontra apenas nas massas. Onipresente, se encontra em todos os lugares. Da rua ao convívio familiar. Da feiúra das favelas às elegantes mansões. Do analfabeto ao universitário. Crimes hediondos ocorrem com tanta frequência e naturalidade que nos indagamos: Estamos de fato voltando à barbárie? Estamos educando corretamente nossas crianças?

Em seu texto *Educação após Auschwitz*, Adorno – baseado em Freud – nos alerta que “a civilização produz a anticivilização e a reforça progressivamente.” (Adorno,1994:33). O autor manifesta sua preocupação com a educação, particularmente com a educação infantil, e nos aponta:

A educação só teria pleno sentido como educação para a auto reflexão crítica. Dado todavia que, como mostra a psicologia profunda, os caracteres em geral, mesmo os que no decorrer da existência chegam a perpetrar os crimes, já se formam na primeira infância, uma educação que queira evitar a reincidência haverá de concentrar-se na primeira infância. (Adorno,1994:35)

Quando uma jovem - como Suzana Von Richthofen - de família abastada, universitária e com excelentes condições de vida que lhe garantem um futuro promissor assassina os pais, somos, de fato, obrigados a repensar a educação.¹

Neste sentido, como observa Adorno:

Aquilo que exemplifica apenas alguns monstros nazistas poderá ser observado hoje em

grande número de pessoas, como delinquentes juvenis, chefes de quadrilha e similares, que povoam os noticiários dos jornais, diariamente. Se eu precisasse converter esse caráter manipulativo numa fórmula, o chamaria de “tipo com consciente coisificado”. Em primeiro lugar as pessoas dessa índole equiparam-se de certa forma a coisas. Depois, caso o consigam, elas igualam os outros a coisas. A expressão “acabar com eles”, tão popular no mundo dos valentões, como no dos nazistas, revela muito bem essa idéia. Com essa expressão, “acabar com eles”, as pessoas são duplamente definidas como coisas manipuladas. (Adorno,1994:40)

Outro tipo de violência é a que ocorre nas instituições escolares, pois saltam aos olhos a frequência e a naturalidade com que são praticadas. Praticadas justamente onde deveria prevalecer o saber.

Nas *salas de aula*, mesas são riscadas com canivete ou pintadas com corretivos, desmontadas, cadeiras são quebradas, paredes são rabiscadas, portas são quebradas apontapés, fechaduras são entupidas com chicletes ou cola; nos *banheiros*, pias são quebradas, privadas são entupidas; na *biblioteca*, livros são roubados, riscados ou rasgados; nos *corredores*, alunos se debatem, brigas precisam ser apartadas; *professores e funcionários* são agredidos verbalmente ou fisicamente. Enfim, um cenário real e triste. Cenário onde também circulam o saber e o amor, mas onde, infelizmente predominam a cólera, o ódio e a agressão.²

Poderíamos citar aqui, infelizmente, outros inúmeros casos de violências, mas, agora, enfatizaremos a *violência simbólica*.

Na verdade, existe certa dificuldade em se identificar alguns atos violentos. Às vezes, até mesmo agres-

¹ Em outubro de 2002, no Brooklin, zona sul de São Paulo, o casal Manfred e Marísia von Richthofen foi assassinado em casa por golpes de bastões enquanto dormia. Suzane - filha do casal - o então namorado dela e o irmão dele confessaram o envolvimento no crime. A motivação seria a proibição do namoro de Suzane e a conseqüente herança deixada pelo casal.

² A título de exemplificação, fizemos uma generalização, pois temos claro que tal realidade não se propaga, felizmente, por todas as instituições escolares.

sões físicas são difíceis de serem identificadas como violentas dependendo do contexto e das circunstâncias em que são praticadas. Por isso, identificar a violência simbólica é tarefa ainda mais difícil, pois não há percepção de sua existência em agressões psicológicas, humilhações e constrangimentos. A violência apresentada de forma sutil camufla o ato violento.

Nilo Odalia define bem o exposto:

Nem sempre a violência se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possua estrutura facilmente identificável. (...) o ato violento se insinua, freqüentemente, como um ato natural, cuja essência passa despercebida. Perceber um ato como violento demanda do homem um esforço para superar sua aparência de ato rotineiro, natural e como que inscrito na ordem das coisas. (Odalia,1993:22-23)

Neste sentido, a violência simbólica - despercebida na vida rotineira - encontra-se presente nas arquiteturas das casas, nos hábitos, nos costumes, nas leis, na mídia, nas escolas, nas universidades etc.

Na paisagem urbana, vemos casas projetadas e construídas para se adaptarem às novas condições de vida das famílias cuja necessidade de proteção as obrigam a construir casas não mais privilegiando espaços externos e, sim, espaços fechados. Interiorizando-se para buscar desesperadamente a segurança e a defesa. As pessoas constroem casas que, do exterior, parecem sombrias, com muros altos e intimidantes, envoltas por cercas elétricas que chegam a lembrar verdadeiras muralhas. (Odalia,1993).

Presente também nas pichações de muros e bustos, nos bancos quebrados de praças públicas, na sujeira das ruas, na poluição dos automóveis, na poluição sonora, na poluição visual dos incontáveis cartazes de propaganda etc., a violência simbólica é reforçada na rigidez e na dureza das paisagens urbanas.

Expressa-se também, nos hábitos, ao reproduzir uma violência institucionalizada na miséria, na fome, na

seca, no frio etc. Expressa-se na lei que consagra os limites de violência permitidos a cada sociedade que normalize muitas vezes o que não é normal. (Odalia,1993).

Expressa-se na mídia que explora o imaginário das pessoas e cria uma cultura de aceitação e concordância, de permanência e manutenção da ordem vigente, do *status quo*.

Na mídia, idéias são geralmente aceitas sem objeções e sem análises. Ela não nos deixa esquecer de maneira alguma a verdadeira essência da sociedade capitalista, ao nos inculcar que o sentido de produção das mercadorias deve ser reforçado pelo seu valor de troca e não de uso, onde o *ser* passa a ser substituído pelo *ter*. Lógica esta que também perpassa pela cultura. Na obra *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer discutem o conceito de *indústria cultural* e definem com muita propriedade este raciocínio econômico da sociedade e a manipulação de bens culturais.

De acordo com Colloca:

Os consumidores são objetos da indústria cultural, apesar de passar a imagem de que eles são os sujeitos. O que orienta a produção das mercadorias é a comercialização e não o conteúdo dos produtos. O alvo da indústria cultural é o espírito que é insuflado, já que mexe com o inconsciente das pessoas, cria uma mentalidade, sempre buscando a manutenção da ordem vigente, do poder já estabelecido. (Colloca, 2003:13)

Ainda, segundo a autora:

O consentimento que a indústria cultural alardeia reforça a autoridade cega e impenetrada da sociedade. Ela encoraja e explora as fraquezas do eu, conseqüências da sociedade atual com sua concentração de poder. As produções da indústria cultural não incentivam uma reflexão sobre o real, mas aproveitam-se das fraquezas sofridas e observadas no cotidiano para conseguir a audiência e a resposta de que necessitam, além de darem um tom individual às suas mercadorias. (Colloca, 2003:15)

Este é um tipo de violência evocativo e representativo que tem a anuência do indivíduo. Uma violência imposta pela *indústria cultural*, que gera uma semiformação cultural muito bem explorada pelos meios de comunicação e que estimula um processo de identificação e egocentrismo, favorecendo um narcisismo coletivo. As pessoas tornam-se cada vez mais dependentes e frágeis. Christoph Türcke resalta que o prazer adquirido com os objetos da indústria cultural resume-se em um pré-prazer. (Türcke,1999:55-79)

Neste sentido, o pré-prazer produz pessoas frias, indiferentes com seus semelhantes, pessoas sem sentimentos, incapazes de uma identificação com o sofrimento alheio. No texto *Educação após Auschwitz*, Adorno deixa claro que foi justamente a incapacidade de amar entre as pessoas que permitiu que Auschwitz acontecesse.

Estes conflitos que explodem no plano individual retornam a sociedade promovendo a violência.

A título de exemplificação, nas universidades, onde se encontra presente na prática do trote, a violência simbólica explode com força. Muitos jovens sentem prazer ao participar das atividades do trote.

A valorização do “exibir-se” tornou-se importante na sociedade do espetáculo em que vivemos.

Como observou Colloca:

Os trotes universitários fazem parte do ritual de entrada na universidade. Suas atividades tradicionais, como pintura do corpo e do rosto, pedágios nas ruas da cidade, gritos, não são consideradas agressivas, humilhantes, mas “brincadeiras” inofensivas que fazem parte desta tradição. Estas atividades são justificadas pela necessidade de exibição das marcas de uma mudança que deve ser mostrada para que todos reconheçam aquela pessoa como universitário. (Colloca, 2003:27)

Por ser uma prática tradicional, o trote é tido como natural e, conseqüentemente, aceito pela sociedade.

Atividades como pedágios nas ruas das cidades, o corte de cabelo, o título de bicho, a pintura do corpo, gritos e xingos etc., são tidos como “brincadeiras” inofensivas. Não revelam a verdadeira violência que se esconde por trás destes atos.

Na verdade, como se trata de uma violência simbólica – e já apontamos que este tipo de violência é difícil de ser identificado – acaba sendo exercido com a cumplicidade do agredido e dos espectadores.

De acordo com Adorno:

Devem-se combater, antes de mais nada, aqueles costumes folclóricos, rituais de iniciação de qualquer forma, que causam dor física – por vezes até o insuportável – a um indivíduo como prêmio por pertencer a uma coletividade. O mal de certos costumes folclóricos é que se trata de precursores imediatos da violência nacional-socialista. Não é de admirar que os nazistas enaltecessem e cultivassem tais monstruosidades sob a designação de “costume”. (Adorno,1994:39)

Por fim, visto que a violência encontra-se cotidianamente presente, reproduzindo o clima cultural vigente - principalmente quando sua manifestação ocorre abstratamente - procuramos, como havíamos proposto, caracterizar brevemente alguns tipos de violência.

Temos claro que, em hipótese alguma, este assunto se esgota aqui. Porém, se instigamos o leitor a refletir sobre algumas condições de destaque da violência, então nosso objetivo foi cumprido.

Considerações finais

Podemos dizer que o homem, em sua história, sempre foi um ser violento. Na verdade, ele sempre reproduziu a sociedade na qual está inserido. Se ela é violenta, ele também o é. Se ela é injusta, ele também o é.

A violência é um sinalizador de como está estruturada a sociedade, é como a febre em um doente. Quando o homem se sente privado de seus direitos, quando

as disparidades entre classes são gritantes, a violência acaba sendo instituída.

A violência acaba sendo um grito de desespero e de censura. Nela, quem mata e quem morre são indivíduos, quem sofre são indivíduos, mas quem é julgado é a sociedade. (Odalía, 1993).

Cotidianamente presente, a violência reflete o clima cultural vigente.

De acordo com Colloca:

A violência está estampada em nossa sociedade, ela faz parte deste caldo cultural que domina o nosso cotidiano. As pessoas agem violentamente contra si mesmas de forma masoquista e ao mesmo tempo de forma sádica, pois não receiam em fazer o outro sofrer e sentem prazer nisso. A sociedade está cada vez mais narcísica, deficiente de um clima de solidariedade, pois as pessoas buscam somente a satisfação de seus próprios desejos. (Colloca, 2003:23)

Neste sentido, cabe dizer que a violência não é um incidente episódico e nem circunstancial, mas somente será vencida ou atenuada quando a sociedade se organizar de tal maneira que as diferenças entre os homens se tornem cada vez menores. Quando a

solidariedade for a regra.

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz. In: COHN, G. *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1994.

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento* – fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

CANETTI, E. *Massa e poder*. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

COLLOCA, V.P. *O trote universitário: o caso do curso de Química da UFSCar*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – CECH – UFSCar, São Carlos, SP.

ODALIA, N. *O que é violência*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

TÜRCKE, C. Prazeres preliminares – virtualidade – expropriação. Indústria Cultural hoje. In: DUARTE, R.; FIGUEIREDO, V. (org.). *As luzes da arte*. Belo Horizonte: Opera Prima, 1999.